



MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Lima Barreto: um pensador social na Primeira República. Goiânia: Ed. UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

Luiz Mello de Almeida Neto*

Refletir sobre a vida de escritores e o legado de sua produção literária já constitui uma área consolidada em nossa tradição intelectual. Todavia, resgatar a dimensão social e política do trabalho de autores marginalizados em seu tempo e no decurso da história ainda é uma tarefa que não encontrou muitos empreendedores na sociologia brasileira. Exatamente esta é a principal contribuição da professora Maria Cristina Teixeira Machado, em seu livro *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*, que é resultado de sua tese de doutorado, concluída em 1997, na Universidade de Brasília. Estruturado em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais, o trabalho de Machado convida o leitor a conhecer o olhar arguto e sofisticado de um dos maiores analistas e críticos da modernidade brasileira.

Vivendo em um período marcado por importantes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais no Brasil (1881-1922), Lima Barreto, descendente de avós escravos, sentiu na pele as conseqüências de ser um outsider no contexto de uma sociedade elitista, injusta e racista – aliás, não muito diferente da dos dias de hoje, quando se discute, apaixonadamente, a necessidade de cotas para negros em universidades e cargos públicos, tamanha a desvantagem socioeconômica, acumulada ao longo de gerações, que atinge a maioria absoluta da população negra/parda no Brasil. A hipótese que norteia o trabalho de Machado é que Lima Barreto teria desenvolvido grande sensibilidade sociológica, por estar estreitamente vinculado às condições de emergência e configuração da modernidade e do capitalismo no contexto da sociedade brasileira. O

* Professor Adjunto de Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da UFG.



lugar das margens, em termos existenciais e sociais, daria ao autor, ainda, uma possibilidade privilegiada de observação, descrição e crítica de seu tempo, fazendo de seu trabalho uma representação alegórica da modernidade brasileira.

Para os sociólogos e leigos interessados em uma reflexão mais consistente acerca da realidade que os cerca, o capítulo 1, “Os portavozes da modernidade”, proporciona exatamente aquilo que é o objetivo explícito de Machado: a reconstrução dos ruídos primordiais da modernidade, a partir das vozes de Rousseau, Nietzsche, Hegel, Marx, Baudelaire e Benjamin, com vistas a amplificar a voz de Lima Barreto. Aqui, o trabalho de resgate de Machado conta com o apoio precioso de Berman, Rouanet e Habermas, o que lhe permite mapear as diversas discussões acerca de modernismo e modernidade, mostrando como a modernização da cidade está associada à modernização das almas dos seus cidadãos.

No capítulo 2, “Lima Barreto: a sensibilidade sociológica no literato marginal”, o escritor carioca é apresentado a partir de uma tripla marginalidade – preto, pobre e suburbano –, o que faria do preconceito e da discriminação os temas dominantes de sua literatura, prenhe de traços autobiográficos, que aborda recorrentemente a questão da exclusão social dos negros e seus descendentes. Na obra de Barreto, a humilhação e a impossibilidade de uma vida digna são denunciadas como marcos das dificuldades de inserção social do negro no Brasil pós-escravidão. Interessante é constatar, porém, como o homem que tanto escreveu por um mundo mais justo e solidário foi um nostálgico da monarquia – escravista! –, não reconhecendo na república um regime capaz de realizar os ideais universalizantes da modernidade. Como destaca a professora Machado, em Lima Barreto, “o moderno é identificado ao novo corrompido, ao novo sem dignidade, à deterioração moral e intelectual do país” (p. 77).

Em oposição a João do Rio, protótipo da versão dourada e dandy da boemia, Barreto encarnou um outro espírito contestador, típico da boemia literária do século 19. Seu quadro existencial de sofrimento e solidão associava-se ao desleixo, à noctividade e ao alcoolismo, gerando uma atividade literária catártica, crítica contumaz de uma sociedade intolerante e porta-voz dos excluídos do universo de privilégios e de bem-



estar social. À marginalização social associa-se a intelectual, já que o escritor não se integrava às “igrejinhas” que dominavam o mundo das letras de seu tempo, desprezado que era nas ousadias e no militância de seu realismo social e renegado na sua percepção estética, marcada pela simplicidade e pelo despojamento. Note-se que a obra e o estilo barretianos foram fortemente marcados pela atividade jornalística do autor, cuja inclemente crítica social encontrava acolhida na pequena imprensa, enquanto a grande era por ele execrada, ao mesmo tempo que o desprezava.

O terceiro e mais longo dos capítulos intitula-se “Um flâneur com pés de chumbo” e apresenta uma original leitura benjaminiana do romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujo protagonista seria uma alegoria da consciência pequeno-burguesa excluída da modernidade, mas que se insinua aos poucos. A análise da obra propriamente dita é intercalada com reflexões de Machado acerca do momento histórico em que o autor vive – matéria-prima de sua própria produção literária –, destacando-se algumas questões principais, como a abolição da escravatura, a proclamação da República, a importância da maçonaria, a inserção social das mulheres, as consequências do imperialismo, entre outras, que teriam contribuído para a construção, no Brasil, de uma variante inacabada da modernidade européia.

Diferentemente dos analistas clássicos da modernidade, em especial Marx e Baudelaire, Machado destaca que a obra de Lima Barreto caracteriza-se por uma visão sempre depreciativa da burguesia nacional, tida como incompetente, de mau gosto, destruidora da cidade e sem compromisso com a coletividade. A afirmação do caráter dependente, excludente e autoritário da modernização brasileira – integrante da antipastoral de Lima Barreto, que abomina o progresso, regozija-se no passado e entende a modernidade como tragédia – atenuar-se-ia apenas pelo enaltecimento da cidade como conteúdo de beleza, história e subjetividade. Tal relação de encantamento com a cidade não implicaria, porém, concessões ao sonho, ao delírio, a fantasmagorias, de resto tão incongruentes com o realismo de fronteira que finca os pés do flâneur alter ego de Barreto no chão de uma cidade onde proliferam cafés, bondes, avenidas e novidades tecnológicas de várias ordens. Note-se que essas novidades aparecem associadas ao surgimento de novos hábitos



e opções de lazer, como as compras a crédito, a frequência a bailes e cassinos e a popularização do futebol, tão criticado por Barreto, quiçá por seu caráter elitista e racista nas origens.

Todo esse vasto universo de um Rio de Janeiro culturalmente plural, marcado pela bricolagem de elementos tradicionais e modernos, é retomado no breve e instigante capítulo 4, "Novidades e variedades", em que a autora mapeia a constituição de uma mentalidade moderna nacional a partir da análise de crônicas de Lima Barreto. Recorrendo a Simmel, Machado identifica nos textos analisados indicações claras de uma "intensificação dos estímulos nervosos" em decorrência da complexificação da vida urbana, o que repercutiria no conteúdo da sociação e das formas de percepção do mundo pelos moradores da cidade. Relações entre pessoas passam a ser vistas como relações entre coisas, e a atitude blasé começa a se tornar paradigmática em uma sociedade marcada pelo individualismo e pela clivagem entre as culturas objetiva e subjetiva.

Finalizando seu livro, Machado apresenta uma interessante discussão acerca dos conflitos entre escritores e cientistas sociais, desde a segunda metade do século 19, pelo monopólio da produção de discursos "verdadeiros" e "explicativos" da vida social, situando a importância da literatura no pensamento de sociólogos clássicos, como Comte, Durkheim, Marx e Weber. Claro que seu objetivo também neste momento é o de reafirmar o legado barretiano como uma fonte privilegiada para a compreensão do Brasil da Primeira República. A nós, leitores, fica o desafio de (re)pensar a obra de Lima Barreto, crítico feroz e ousado da modernidade e autor de sensíveis elegias a todos os desalmados das cidades. É incontestável, deve ser dito por fim, a sedução de um eventual diálogo entre Lima Barreto e outros arautos da mesma modernidade, como João do Rio e Machado de Assis... Em face de tantas possibilidades descortinadas no livro da professora Maria Cristina Teixeira Machado, a literatura e a sociologia brasileiras, se falassem, agradeceriam.